

para sempre

alyson noël
para sempre
os imortais – volume 1

TRADUÇÃO DE MARCELO MENDES



Copyright © 2009 Alyson Noël, L.L.C.

Todos os direitos reservados, incluindo os de reprodução de todo o conteúdo ou de parte dele, em qualquer formato.

TÍTULO ORIGINAL
Evermore

PREPARAÇÃO
Juliana Souza

REVISÃO
Liciane Guimarães Correia
Umberto Figueiredo Pinto

DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System

CAPA
Angela Goddard e Jeanette Levy

ADAPTAÇÃO DA CAPA
retina 78

FOTOS DA CAPA
Garota © Zen Shui Photography/VEER
Tulipas © Marcel Steger/Solus Photography/VEER

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
N691p

Noël, Alyson
Para sempre / Alyson Noël; tradução Marcelo Mendes.
– Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

304p. – (Os imortais: 1)
Tradução de: Evermore
ISBN 978-85-98078-62-5

1. Literatura infantojuvenil. I. Mendes, Marcelo. II.
Título. III. Série.

09-4332.

CDD: 028.5
CDU: 087.5

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua dos Oitis, 50
22451-050 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Jolynn “Snarky” Benn —
minha amiga por muitas encarnações.
(Na próxima, seremos *rock stars!*)

agradecimentos

Este livro não teria sido escrito sem a imensa generosidade e a sabedoria das seguintes pessoas: Brian L. Weiss, M.D., e Christina Gikas, que me mostraram um passado que eu jamais poderia ter imaginado; James Van Praagh, que me ensinou a olhar para o mundo de um jeito inteiramente novo; Kate Schafer, minha agente literária, que tão habilmente me guia e orienta; Rose Hilliard, minha editora nos Estados Unidos, que cuida de minhas histórias com tanto carinho; NaNá V. Stoelzle, copidesque de muitos livros meus, que me poupa dos mais variados constrangimentos gramaticais, e, como sempre, Sandy, o último dos homens da Renascença!

as cores da aura e seus significados

Vermelho: energia, força, raiva, sexualidade, paixão, medo, ego

Laranja: autocontrole, ambição, coragem, poder de reflexão, desânimo, apatia

Amarelo: otimismo, felicidade, intelectualidade, amizade, indecisão, vulnerabilidade à influência alheia

Verde: serenidade, poder de cura, compaixão, farsa, ciúme

Azul: espiritualidade, lealdade, criatividade, sensibilidade, generosidade, humor instável

Violeta: alta espiritualidade, sabedoria, intuição

Índigo: benevolência, intuição apurada, busca existencial

Rosa: amor, sinceridade, amizade

Cinza: depressão, tristeza, cansaço, falta de energia, ceticismo

Marrrom: ambição, egoísmo, opiniões fortes

Preto: falta de energia, doença, morte iminente

Branco: equilíbrio perfeito

O único segredo que as pessoas guardam / É a imortalidade.

— EMILY DICKINSON

— Adivinha!

As mãos quentes e úmidas de Haven apertam minhas bochechas, e seu anel, um crânio de prata escurecido, deixa uma marca de sujeira sobre minha pele. E mesmo que meus olhos estejam cobertos e fechados, sei que os cabelos dela, tingidos de preto, estão partidos ao meio; um espartilho de vinil preto se sobrepõe a uma blusa de gola rulê — mantendo-se em conformidade com o código de vestimenta de nossa escola; a saia comprida de cetim preto, apesar de nova, já tem um furo próximo à bainha, de quando ela pisou com o bico das botas Doc Martens; os olhos parecem dourados, mas só porque ela está usando lentes de contato amarelas.

Também sei que o pai dela não está viajando “a trabalho”, como ele mesmo disse; que o personal trainer de sua mãe é muito mais “personal” que “trainer” e que o irmão caçula quebrou um CD dela, do Evanescence, e agora está com medo de contar.

Mas não sei isso tudo porque andei bisbilhotando a vida dela, nem porque alguém me contou. Sei porque tenho poderes sobrenaturais.

— Anda logo, adivinha! Daqui a pouco o sinal vai tocar! — ela diz com a voz rouca, como se fumasse um maço de cigarros por dia, embora só tenha tentado fumar uma vez.

Enrolo um pouco enquanto penso na última pessoa com quem ela gostaria de ser confundida.

— Hilary Duff?

— Eca! Vai, tenta de novo. — Ela aperta ainda mais forte, nem sequer desconfiando de que não preciso *ver* para *saber*.

— Será a sra. Marilyn Manson?

Ela ri e desencosta as mãos, e então lambe o polegar para apagar a tatuagem de sujeira em minha bochecha, mas levanto o braço antes que ela possa me alcançar. Não porque tenha nojo da saliva dela (quer dizer, *sei* que Haven não tem doença nenhuma), mas porque não quero que encoste em mim novamente. O toque humano é muito revelador, muito cansativo, então procuro evitá-lo a todo o custo.

Com um gesto rápido, ela tira o capuz de minha cabeça e aperta os olhos ao ver meus fones de ouvido.

— O que você está ouvindo?

Levo a mão ao bolsinho para iPod que costurei no capuz de todos os meus moletons (para esconder dos professores os tão conhecidos fiozinhos brancos) e entrego a ela o aparelho.

— Puxa... — ela diz com os olhos arregalados. — Quer dizer, que barulheira é essa? Quem é que está cantando isso?

Haven se curva para que nós duas possamos ouvir Sid Vicious berrando sobre a anarquia no Reino Unido. Na verdade, nem sei se ele é a favor ou contra. Sei apenas que berra o suficiente para dar uma acalmada em meus supersentidos.

— Sex Pistols — respondo, desligando o iPod e guardando-o de volta no esconderijo.

— Nem sei como você pôde me ouvir. — Haven sorri ao mesmo tempo que o sinal toca.

Simplesmente dou de ombros. Não preciso *escutar* para *ouvir*. Claro, não é isso que digo a ela. Falo apenas que a gente vai se ver de novo na hora do almoço e vou para minha aula, atravessando o campus da escola e encolhendo-me ao intuir os dois garotos que se aproximam pelas costas de Haven e pisam a bainha da saia dela — por pouco não a fazem cair. Mas quando ela se vira para trás, faz o sinal do Mal (certo, não é o sinal do Mal, mas algo que ela mesma inventou) e os encara com aqueles olhos amarelos, eles imediatamente se afastam e a deixam em paz. Quanto a mim, suspiro aliviada e entro na

sala de aula, sabendo que não vai demorar muito até que eu deixe de sentir a energia persistente do toque de Haven.

A caminho de minha carteira, no fundo da sala, desvio-me da bolsa que Stacia Miller deixou de propósito em meu caminho e ignoro a serenata — “*Per-de-do-ra!*” — que ela diariamente sussurra ao me ver. Em seguida, acomodo-me na carteira, tiro livro, caderno e caneta da mochila, coloco os fones de ouvido, visto o capuz, jogo a mochila na carteira vazia a meu lado e espero pela chegada do sr. Robins.

O sr. Robins está sempre atrasado. Sobretudo porque gosta de tomar uns goles de seu cantil de prata entre uma aula e outra. Mas bebe apenas porque a mulher grita com ele o tempo todo, a filha o considera um fracassado e ele, quase sempre, detesta a própria vida. Descubri tudo isso em meu primeiro dia nesta escola, quando acidentalmente toquei na mão dele ao entregar o formulário de transferência. Agora, portanto, sempre que tenho de lhe entregar algo, deixo na beirada da mesa.

Fecho os olhos e espero, enquanto meus dedos deslizam pelo moletom, a fim de trocar o barulhento Sid Vicious por algo mais leve, mais tranquilo. A gritaria de Sid não é mais necessária agora que estou na sala de aula. Acho que a relação entre professor e alunos ajuda a conter, pelo menos até certo ponto, minha energia mediúnica.

Nem sempre fui essa bizarrice que sou hoje. Já fui uma adolescente normal, do tipo que ia às festinhas da escola, se apaixonava por celebridades e tinha tanto orgulho dos cabelos louros que jamais pensaria em prendê-los num rabo de cavalo ou escondê-los sob um capuz. Eu tinha mãe, pai, uma irmã caçula chamada Riley e uma cadela labrador amarela, fofíssima, de nome Buttercup. Morava numa casa agradável, num bairro bacana de Eugene, no Oregon. Era popular, feliz e mal podia esperar para chegar ao segundo ano, pois tinha acabado de me tornar chefe de torcida da principal equipe da escola. Minha vida era completa, e o céu era o limite. Essa história de céu pode ser um tanto gasta, mas, no meu caso, ironicamente, é também a mais pura verdade.

No entanto, sei tudo isso apenas por ouvir dizer, pois desde o acidente só me lembro claramente de uma coisa: eu morri.

Tive o que as pessoas chamam de “experiência de quase-morte”, ou EQM. Acontece que *as pessoas* estão erradas. Podem acreditar, não houve nada de

“quase” no que me aconteceu. Foi assim: num instante, Riley e eu estávamos no banco de trás do SUV do papai, Buttercup com a cabeça pousada no colo de minha irmã e o rabo batendo suavemente em minha perna, e a próxima lembrança... os airbags inflados, o carro inteiramente destruído, e eu lá, assistindo a tudo do lado de fora.

Olhando para os destroços — os estilhaços de vidro, as portas amassadas, o para-choque dianteiro agarrado ao tronco de um pinheiro num abraço letal —, fiquei me perguntando o que poderia ter acontecido de errado, esperando e suplicando que todos tivessem conseguido sair dali como eu. De repente, ouvi um latido familiar; virei para trás e vi minha família seguindo por um caminho, guiada por Buttercup, que abanava o rabo.

Fui ao encontro deles. De início, tentei correr e alcançá-los, mas depois fui mais devagar, querendo me demorar e passear por aquele campo vasto e perfumado de árvores e flores vibrantes que tremeluziam, e apertando os olhos diante da névoa deslumbrante que refletia e brilhava intensamente, iluminando tudo.

Prometi a mim mesma que seria rápido, que logo voltaria para encontrar minha família. Mas, quando enfim olhei, só deu tempo de, num relance, eles sorrirem e acenarem para mim ao atravessarem uma ponte, sumindo de vista pouco depois.

Entrei em pânico. Olhando para todas as direções, comecei a correr de um lado para o outro, mas tudo parecia igual: uma névoa sem fim, tépida, branca, brilhante, iluminada, bonita e estúpida. Então, caí no chão e fiquei ali, morrendo de frio, chorando, gritando, xingando, implorando, fazendo promessas que sabia jamais poder cumprir.

Foi então que ouvi alguém dizer:

— Ever? É esse seu nome? Abra os olhos e olhe para mim.

Aos tropeços, voltei para a superfície, onde tudo era dor e sofrimento, e minha testa porejava de tanta dor, uma dor lancinante. Então olhei fixamente para o sujeito que se curvava sobre mim, dentro de seus olhos escuros, e sussurrei:

— Sim, sou Ever. — E desmaiei outra vez.

dois

Segundos antes de o sr. Robins entrar na sala baixei o capuz, desliguei o iPod e fingi ler meu livro, sem me dar o trabalho de levantar a cabeça quando ele disse:

— Pessoal, este é Damen Auguste. Acabou de se mudar do Novo México. Muito bem, Damen, pode se sentar lá atrás, ao lado da Ever. Vai ter de acompanhar com o livro dela até comprar o seu.

Damen é lindo. Sei disso sem precisar espia-lo nem uma única vez. Mantenho os olhos cravados no livro enquanto ele anda para os fundos da sala, pois já conheço minha turma como a palma de minha mão. No que me diz respeito, um pouquinho de ignorância até que não seria mau.

Mas, segundo os pensamentos mais recônditos de Stacia Miller, sentada apenas duas filas à minha frente, *Damen Auguste é um espetáculo!*

A melhor amiga dela, Honor, concorda em gênero, número e grau.

Assim como o Craig, namorado da tal Honor, mas isso já é outra história.

— Oi. — Damen se espreme na carteira a meu lado, minha mochila produzindo um baque surdo ao ser jogada no chão.

Retribuo o cumprimento com um aceno de cabeça, recusando-me a olhar além das botas de motoqueiro dele. Lustrosas e pretas, muito mais para revista

de moda que para Hells Angels. Bem diferentes da profusão de chinelos coloridos que salpica o carpete verde da sala.

O sr. Robins pede que a gente abra o livro na página 133, e Damen se inclina em minha direção.

— Posso acompanhar com você? — diz.

Apavorada com tanta proximidade, hesito um pouco, mas depois empurro o livro até a beirada de minha carteira, o mais longe que consigo sem derrubá-lo no chão. E quando ele arrasta sua cadeira para perto, ocupando o pouco espaço que havia entre nós, deslizo para a extremidade oposta da minha, o mais longe possível. E novamente me escondo sob o capuz.

Damen ri baixinho. Como ainda não olhei para ele, não faço a menor ideia do que isso possa significar. Foi um risinho discreto e gostoso, mas talvez tivesse um duplo sentido qualquer.

Afundo na carteira ainda mais, a cabeça apoiada em uma das mãos, os olhos fixos no relógio e determinada a ignorar todos os olhares e comentários maldosos desferidos contra mim. Tais como: *Coitado do novato bonitão, gostoso, sexy... ter de se sentar ao lado da esquisitona!* É mais ou menos isso o que passa pela cabeça de Stacia, Honor, Craig... e de quase todo mundo na sala.

Bem, todo mundo menos o sr. Robins, que, como eu, não vê a hora de chegar o fim da aula.

No almoço, ninguém fala de outro assunto que não seja Damen.

Já viu o aluno novo? Que gato, hem?... É, um gostoso... Ovi dizer que é do México... Do México, não, da Espanha... Tanto faz, de um outro país qualquer... É claro que vou convidar ele pro Baile de Inverno... Mas você nem conhece o cara ainda!... Fique tranquila, porque vou conhecer...

— E aí, amiga? Já viu o tal de Damen? O que acabou de chegar! — Haven se senta a meu lado e espia através da franja, que de tão comprida chega a roçar os lábios pintados de vermelho.

— Ah!, não, você também, não... — Balanço a cabeça e cravo os dentes em minha maçã.

— Aposto que você não diria isso se tivesse tido o privilégio de *ver* o cara — ela diz, retirando o cupcake de baunilha da caixa de papelão rosa e lambendo a cobertura de glacê, tal como faz todos os dias, embora ela se vista como alguém que não hesitaria nem mesmo um segundo antes de trocar um cupcake por um bom copo de sangue.

— Vocês estão falando sobre o Damen, é? — sussurra Miles, deslizando no banco e fíncando os cotovelos na mesa, os olhos castanhos oscilando entre nosso rosto, um sorriso maroto estampado no rostinho de bebê. — Que *gato!* Vocês viram as botas? Tão *Vogue...* Acho que vou perguntar se ele quer ser meu próximo namorado.

Haven aperta os olhos amarelos na direção dele.

— Tarde demais — diz. — Eu vi primeiro.

— Poxa, foi mal. Não sabia que você curtia “não góticos”. — Ele dá um risinho, revira os olhos e desembrulha seu sanduíche.

Haven ri de volta.

— Se forem como ele, curto. Juro que ele é simplesmente um absurdo de tão irresistível, você *precisa* ver. — E balançando a cabeça, irritada com minha indiferença, vira-se para mim e diz: — Ele é *gostoso demais!*

— Você ainda não viu? — espanta-se Miles, segurando o sanduíche.

Baixo os olhos para a mesa, muito inclinada a contar uma mentira. Diante daquele carnaval todo, não conseguia ver outra saída. Mas não posso mentir, não para eles. Haven e Miles são meus melhores amigos. Os únicos que tenho. Além disso, já guardo segredos demais.

— Ele se sentou ao meu lado na aula de inglês — digo, finalmente. — Fui obrigada a dividir o livro com ele, mas não cheguei a vê-lo direito.

— *Obrigada?* — Haven move a franja para o lado para ver melhor a maluca que foi capaz de proferir tamanha asneira. — Ah, deve ter sido horrível pra você, um suplício, né? — Ela revira os olhos e suspira. — Eu juro: você não faz ideia da sorte que tem! Devia estar agradecendo de joelhos!

— Que livro vocês leram juntos? — pergunta Miles, como se o título pudesse revelar algo de muito importante.

— *O morro dos ventos uivantes* — respondo, dando de ombros. Coloco o que restou da maçã sobre um guardanapo e dobro as pontas em torno dela.

— E o capuz? — pergunta Haven. — Com ou sem?

Depois de certo esforço, lembro que botei o capuz enquanto Damen caminhava em minha direção.

— Hmm... com. É, tenho certeza: com.

— Ainda bem — resmunga Haven, aliviada, partindo o cupcake em dois. — A última coisa de que preciso é competir com a deusa dos cabelos dourados.

Eu me encolho e mais uma vez baixo os olhos para a mesa. Fico envergonhada quando as pessoas fazem elogios assim, que no passado costumavam ser muito importantes para mim. Agora, não são mais.

— Mas, e o Miles? — pergunto, desviando a atenção para alguém realmente capaz de apreciá-la. — Você não acha que ele também é um forte candidato?

— Isso mesmo! — Miles passa a mão pelos curtos cabelos castanhos e vira de perfil, oferecendo-nos seu melhor ângulo. — Eu também estou na parada!

— Bobagem — diz Haven, limpando do colo as migalhas brancas. — Damen e Miles não jogam no mesmo time. Pelo menos dessa vez, a beleza esbonteante e incomparável de nosso amigo top model não vai contar.

— Como você sabe em que time ele joga? — pergunta Miles, apertando as pálpebras enquanto destampa sua garrafa de isotônico. — Como pode ter tanta certeza assim?

— Meu *gaydar* não apitou — explica Haven, dando um tapinha na própria testa. — Confie em mim: o cara não aparece nele.

Pois bem, Damen é meu colega não só na aula de inglês do primeiro tempo, como também na de educação artística do sexto (não que ele tenha se sentado ao meu lado, nem que eu tenha procurado, mas os pensamentos que pipocavam pela sala, mesmo os de nossa professora, a sra. Machado, foram suficientes para que eu me desse conta da presença dele). E como se isso não bastasse agora vejo que ele estacionou o carro bem ao lado do meu. Até então eu havia conseguido me conter e não olhar para outra parte além das botas do sujeito, mas agora, eu sabia, minhas possibilidades de escapar chegavam ao fim.

— Ai, meu Deus! É ele! Está vindo bem em nossa direção! — exclama Miles, com os trinados de soprano que reserva apenas para os momentos mais excitantes. — E olha aquele carro! Um BMW preto novinho em folha! E com o insulfilme mais escuro que existe! Um espetáculo! Olhe, o plano é o seguinte: vou abrir a porta e *acidentalmente* bater na porta dele; então terei uma desculpa pra falar alguma coisa. — Ele se vira para mim em busca de aprovação.

— Não arranhe meu carro. Nem o carro dele. Nem o de qualquer outra pessoa — eu digo, balançando a cabeça e tirando as chaves da mochila.

— Tudo bem — resmunga Miles, fazendo beicinho. — Pode arruinar meus sonhos, não me importo. Mas faça um favor a si mesma e *dê uma confe-*

rida no cara! Depois quero ouvir você dizer, olhando fundo nos meus olhos, que não pirou nem ficou de perna bamba com o que viu!

Reviro os olhos e me espremo entre meu carro e o Fusca vizinho, tão mal estacionado, que parece querer montar no meu Miata. Já estou com a chave na porta quando, atrás de mim, Miles me surpreende, puxa meu capuz para baixo, arranca meus óculos e corre para o lado do passageiro, onde, com gestos nada sutis da cabeça e do polegar, insiste para que eu olhe para o Damen, que a essa altura já está atrás dele.

Então, obedeço. Bem, não posso continuar evitando o cara pelo restante da vida. Assim, respiro fundo e levanto os olhos.

E o que vejo me deixa incapacitada de falar, piscar ou mover qualquer outra parte do corpo.

Percebendo meu estado, Miles arregala os olhos e começa a abanar as mãos freneticamente, fazendo o que pode para abortar a missão e me trazer de volta ao “quartel-general”, à normalidade. Mas não posso. Quer dizer, bem que eu gostaria, porque sei que estou agindo exatamente como a esquisitona que todos já acham que sou. Mas não dá, é impossível. E não apenas por causa da beleza inquestionável do tal de Damen. Tudo bem, os cabelos são lindos, luminosos e compridos; vão descendo ao longo das maçãs do rosto, salientes e esculpidas a cinzel, até roçar os ombros. Mas quando ele ergue os óculos de sol para me fitar de volta, constato que os olhos dele, estranhamente familiares, são amendoados e escuros, emoldurados em cílios tão longos que quase parecem falsos. Ah, e os lábios! Os lábios são carnudos e convidativos, tão bem desenhados quanto um arco de Cupido. E o corpo que sustenta tudo isso é alto, magro, firme. Vestido de preto de cima a baixo.

— Ei, Ever! Alô-*ou!* Você pode acordar agora. *Por favor!* — Miles vira-se para Damen, rindo de nervoso. — Não repare na minha amiga, não. Geralmente ela se esconde debaixo do capuz.

Não é que eu não saiba que tenho de parar, e parar agora. Mas os olhos de Damen, pregados nos meus, vão se tornando de um colorido cada vez mais intenso à medida que os lábios esboçam um sorriso.

Mas, como já disse, não é a beleza estonteante dele que me paralisa dessa forma. Um fato não tem nenhuma relação com o outro. Acontece que toda a área em torno do corpo dele, desde a gloriosa cabeça até a ponta quadrada das botas pretas de motoqueiro, consiste em nada além de um espaço vazio, em branco.

Nenhuma cor. Nenhuma aura. Nenhum espetáculo de luzes pulsantes.



Todo o mundo tem uma aura. Todos os seres vivos têm espirais de cor que emanam do corpo. Um campo energético multicolorido do qual nem se dão conta. Nada perigoso ou assustador, nem ruim, de forma alguma, mas apenas parte de um campo magnético visível — bem, ao menos para mim.

Antes do acidente, eu nem fazia ideia de coisas assim. E, definitivamente, não era capaz de vê-las. Mas desde que acordei no hospital vejo cores por toda parte.

— Tudo bem com você? — perguntou a enfermeira ruiva, preocupada.

— Sim, mas por que você está toda rosa? — respondi, sem entender o porquê daquele brilho rosado que a cercava.

— Por que estou o *quê*? — ela se esforçou para disfarçar o susto.

— Rosa. Isso que está aí ao seu redor, especialmente da cabeça.

— O.K., meu amor, fique aí descansando, que vou chamar o médico. — Ela me deixou sozinha no quarto e saiu correndo pelo corredor.

Só depois de passar por uma batelada de exames oftalmológicos, ressonâncias cerebrais e avaliações psiquiátricas foi que aprendi a guardar minhas visões para mim mesma. E mais tarde, quando passei a ouvir pensamentos, a captar histórias de vida pelo toque e a conversar com minha irmã morta, já estava escaldada o suficiente para ficar de bico calado.

Acho que já me acostumei a viver assim; nem sequer recordava que existe um jeito diferente. Mas ao ver Damen emoldurado apenas no preto reluzente da carroceria de um carro chiquérrimo e caríssimo, acabei me lembrando de outro tempo da minha vida, mais feliz e mais normal.

— Seu nome é Ever, certo? — ele pergunta, enfim abrindo o sorriso esboçado há pouco e revelando mais uma de suas inúmeras perfeições: dentes incrivelmente brancos.

Eu fico ali, inutilmente tentando desviar o olhar, enquanto Miles começa a pigarrear feito um maluco. Só então me lembro de quanto ele detesta ser ignorado.

— Ah, desculpe. Miles, Damen, Damen, Miles — digo, sem ao menos piscar.

Damen dá uma olhada rápida para o Miles, cumprimenta-o com a cabeça e logo se volta para mim. Sei que vai parecer maluquice minha, mas durante a fração de segundo em que Damen desviou o olhar senti uma fraqueza e um frio muito estranhos.

Mas assim que ele vira seu olhar novamente para mim tudo volta ao normal — tudo fica quente e bem de novo.

— Posso pedir um favor? — E sorri. — Será que você pode me emprestar seu *O morro dos ventos uivantes*? Preciso colocar a leitura em dia, e hoje não vou ter tempo de passar na livraria.

Abro a mochila, retiro meu exemplar todo amarfanhado e estendo o braço com o livro na palma da mão, parte de mim torcendo para que a ponta de meus dedos toque a ponta dos dedos dele, enquanto outra parte, a mais forte e sábia, aquela com poderes sobrenaturais, treme só de pensar nas revelações que podem brotar do contato com um desconhecido tão lindo.

Ele joga o livro no interior do BMW, baixa os óculos escuros e diz:

— Valeu, a gente se vê amanhã.

Só então percebo que nada aconteceu com aquele breve toque, além de um leve formigamento na ponta dos dedos. E antes que eu possa dizer o que quer que seja ele já está dando a ré para sair da vaga.

— Amiga — diz Miles, balançando a cabeça e se acomodando a meu lado no Miata. — Desculpe, mas quando falei que você iria pirar quando visse o cara eu não estava *sugerindo* que você pirasse. Não era pra você seguir *ao pé da letra*. Caramba, Ever, o que *foi que deu em você*? Que esquisitice foi aquela? Só faltou você dizer: *Muito prazer, eu sou a Ever, a psicopata que vai perseguir você pelo restante da vida!* Não estou brincando. Achei que a gente teria de *ressuscitar* você! E olhe, pode acreditar, você deu uma tremenda sorte. Imagine se a Haven, nossa queridíssima amiga, estivesse lá para ver a cena, hã? A senha número 1 é dela, meu amor, já esqueceu?

Miles continua tagarelando sem parar durante todo o caminho. Simplesmente eu o deixo falar enquanto presto atenção no trânsito, roçando o dedo na cicatriz espessa em minha testa — a que escondo debaixo da franja.

Como explicar a ele que, desde o acidente, as únicas pessoas cujos pensamentos não posso ouvir, cujos toques nada revelam e cujas auras não consigo ver são as que já morreram?